

## ENSINO HUMANISTA: UMA POSSÍVEL REALIDADE

### HUMANIST EDUCATION: A POSSIBLE REALITY

Luciene Zaine Gonçalves Delavy<sup>1</sup>

Cássia Angélica Nogueira Barbosa<sup>2</sup>

Saulo Gonçalves Pereira<sup>3</sup>

#### RESUMO:

O Ensino Humanista se trata de ensinar e aprender com prazer, sendo uma educação centrada no aluno e o papel do professor é de facilitador ou mediador do conhecimento. Desta forma o educando é quem constrói seu aprendizado, aprendendo significativamente conteúdos que “conversam” com sua realidade. Objetivou-se perceber a importância desse tipo de ensino, analisar o papel do professor e a resistência por parte deste em relação à mudança nesse processo, verificando a possibilidade da implantação desse método nas escolas brasileiras. Acredita-se que conhecendo a aplicação e prática de ensinar e aprender prazerosamente possibilitará aos abrirá os olhos docentes para uma nova visão a respeito dos meios de educar e ser formador de opiniões. A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa através de revisão de literatura analítico-reflexivo-propositivo a partir de pesquisa bibliográfica. Conclui-se que, para haver aprendizagem significativa usando um ensino humanizado é necessário que o aluno tenha uma predisposição em aprender.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abordagem Humanista; Aprendizagem Significativa; Educação Brasileira; Desmotivação dos Docentes.

#### ABSTRACT:

The humanistic education refers to teach and learn with pleasure, being an education centered on the student and the role of the teacher is the facilitator or mediator of knowledge. In this way the student is the one who builds his apprenticeship, significantly learning content that "talk" with their reality. The objective is to realize the importance of such type of teaching, and to examine the role of the teacher and his or her resistance for the change in the process, verifying the possibility of implementing this method in Brazilian schools. It is believed that knowing the application and practice of teaching and learning gladly will open the eyes of teachers to a new vision of the means of educating and being a trainer of opinions. It follows therefore that, so there is significant learning using a humanized teaching is necessary that the student has a predisposition to learn and the teacher.

**KEYWORDS:** Humanistic Approach; Meaningful Learning; Brazilian Education; Demotivation of Teachers.

---

<sup>1</sup> Graduada em Matemática pela Faculdade Patos de Minas. Professora da rede pública de Ensino de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Especialista em Psicologia Clínica Cognitivo-Comportamental pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci e graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Patos de Minas. Psicóloga e professora da Faculdade Patos de Minas. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7896030429461852>.

<sup>3</sup> Doutor e mestre em Ciências Veterinárias pela Universidade Federal de Uberlândia e graduado em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário de Patos de Minas. Biólogo e professor da Faculdade Patos de Minas. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0826806981757533>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 01 Páginas 01-16
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>	

## 01 – INTRODUÇÃO

A educação humanista se trata de um ensino centrado no aluno tornando propícia a construção de seu próprio conhecimento através de uma aprendizagem significativa, valorizando seu conhecimento prévio. Nesse tipo de ensino a relação entre educador e educando é horizontal, o professor encontra o prazer de ensinar e percebe os efeitos de uma aprendizagem mais significativa. Para que isso ocorra, é necessária uma predisposição por parte do aluno em aprender e que o professor saiba cativar o educando de forma que este deseje o conhecimento (AUSUBEL, 1982).

É notório o descaso e a alarmante situação atual da educação no Brasil. Uma educação cada vez mais precária com professores desmotivados e alunos com menos interesse nos estudos (AQUINO, 2014). Esse quadro mostra-se preocupante e deve-se partir em busca de uma aprendizagem verdadeira que tenha efeitos positivos para toda a vida e não uma aprendizagem mecânica em que prepara o educando apenas para testes e que, depois, todo o aprendizado se perde. Para que isso não ocorra é necessário haver uma aprendizagem significativa, que se relacione com a realidade do aluno fazendo sentido para o mesmo (KLEIN, 2006).

Embora uma aprendizagem assim seja possível, o papel do professor é fundamental nesse processo, deixando agora de ser o detentor do conhecimento e passando a ser mediador, orientador e facilitador da aprendizagem. O professor não deixou de ser importante nesse tipo de ensino por ser centrado no aluno, entretanto, é importante conscientizar-se e abandonar os métodos arcaicos de ensino, nos quais o professor era autoridade máxima, repleto de conhecimento e não tinha nada mais a aprender. O papel do professor nesse tipo de ensino é despertar o interesse do aluno e acompanhá-lo, instruindo-o na busca pelo conhecimento e aprendizado (GADOTTI, 2003).

Com isso, educador e educando aprendem mutuamente durante todo o processo e não se trata mais de uma simples transferência de conhecimento, mas de mostrar caminhos ao aluno buscando a aprendizagem. Entretanto, percebe-se a enorme dificuldade que os docentes encontram atualmente (FREIRE, 1979).

Por perceber a importância da boa relação entre aluno e professor para uma aprendizagem significativa, acredita-se que o conhecimento da aplicação de um

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 01 Páginas 01-16
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

estudo diferenciado, no qual o relacionamento entre educando e educador seja estreitado, de forma que a troca de ideias e informações seja mútua e sem restrições, seja uma maneira eficaz de adquirir conhecimento. Espera-se que conhecendo a aplicação e prática de ensinar e aprender prazerosamente abrirá os olhos dos docentes para uma nova visão a respeito dos meios de educar e ser formador de opiniões, pois este tipo de ensino é um grande aliado na aprendizagem de qualquer conteúdo, entretanto, percebe-se que esse tipo de ensino ainda tem pouca aplicação na realidade das escolas, levando a crer que o fator predominante para que o tipo de ensino não seja modificado, seja a resistência por parte dos docentes (ALMEIDA, 1993).

Objetivou-se, com este estudo, descrever a importância do ensino humanista para uma aprendizagem significativa, possibilitando ensinar e aprender com prazer.

Este trabalho foi realizado por uma revisão bibliográfica, usando o referencial teórico encontrado na literatura, através de sites, revistas, livros e artigos. Utilizando a pesquisa qualitativa, que de acordo com Eizirik, (2003) “[...] reconhece a complexidade do real e busca realizar um mergulho focal e mais prolongado em um tópico, considerando o conhecimento científico como um dos modos de conhecer a realidade”, elaborados sobre a temática do ensino humanista, que visa uma aprendizagem significativa.

## **02 – APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

### **2.1 – Breve Análise da Condição da Educação no Brasil**

Atualmente, é notável não só para os atuantes na área do ensino, como também para qualquer um que se interesse pelo tema, o quanto a situação da educação está precária e caótica, além do descaso com o ensino no Brasil, de acordo com dados disponíveis na internet, revistas sobre educação, noticiários em jornais da área, entre outros (ALMEIDA, 1993)..

Segundo Aquino (2014), repórter da Agência Brasil, a avaliação da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), divulgada em

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 01 Páginas 01-16
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

01 de abril de 2014, avaliou os estudantes de 15 anos na resolução de problemas de raciocínio e de lógica, relacionados a situações do cotidiano, no qual o Brasil está na 38º posição entre os 44 países avaliados, e nos resultados do Programa Internacional de Avaliação de Aluno (PISA) de 2012, o Brasil ficou em 58º lugar no desempenho dos estudantes nas três áreas de conhecimento avaliadas, entre os 65 países comparados.

No Brasil, menos de 2% dos estudantes avaliados atingiram o desempenho máximo na solução dos problemas. Aquino (2014) ainda diz que, segundo Daniel Cara, coordenador da Campanha Nacional pelo Direito à Educação (CNDE), estes resultados deixam claro o reflexo de problemas estruturais da educação brasileira.

De acordo com Fernandes (2011), apud, Schwartzman (2008), diz que os resultados apresentados pelo PISA mostram que a educação brasileira está muito ruim e que o aluno brasileiro é o mais lesado pelo sistema educacional. O autor ressalta também que o desempenho dos alunos apresentado pelo PISA mostra que eles não compreendem o que leem, demonstrando serem analfabetos funcionais.

Para Klein (2006), uma educação é de qualidade quando seus alunos aprendem e retêm o conhecimento para concluírem seus estudos, entretanto, percebe-se através dos dados anteriores, apresentados por Aquino (2014), que a absorção de conhecimento dos educandos não é satisfatória, como ficam evidentes nos resultados das avaliações realizadas pelo PISA.

Diante deste contexto, são várias as indagações sobre os porquês dessa situação há tanto tempo desesperadora e que parece piorar a cada dia. Quem seriam os responsáveis? Independente da resposta, o mais importante é buscar saber o que é preciso ser feito para mudar essa realidade da educação brasileira.

Céticos, por vezes, dirão ser impossível mudar esse quadro, entretanto, argumenta-se que se é possível uma educação de qualidade em outros países, então, existe uma maneira de alcançar tais objetivos. E pergunta-se mais uma vez: de onde deve partir a mudança? Quais os caminhos a serem percorridos? As condições atuais do país são favoráveis a tais mudanças?

## 2.2 – Aprender Significativamente

Para Alves (2004), o país tem recursos de sobra, o que falta é a capacidade de refletir, encontrar soluções e colocá-las em prática, é de ideias que o mundo é feito:

Por isso, sendo um país tão rico, somos um povo tão pobre. Somos pobres de ideias. Não sabemos pensar. Nisso nos parecemos com os dinossauros, que tinham excesso de massa muscular e cérebros de galinha (ALVES, 2004, p. 57).

Para mudar essa realidade desesperadora da condição da educação brasileira, é preciso dar maior importância ao processo de formação de conhecimento dos alunos e isso só será possível, quando estes forem capazes de aprender significativamente, retendo e formando conhecimentos a partir de uma aprendizagem significativa, proposta por David Ausubel (AUSUBEL, 1982).

Aprender significativamente constitui aprender com sentido, uma aprendizagem que não seja uma breve memorização, mas um aprendizado que se eternize. A teoria de Ausubel (1982), afirma que o conhecimento que se adquire de maneira significativa, é retido e lembrado por mais tempo. Além disso, aumenta a capacidade de aprender outros conteúdos mais facilmente, mesmo se a informação original for esquecida.

Gadotti (2003), concorda com essa teoria quando diz que, o aluno só aprende quando quer aprender, e para que ele queira é preciso ver algum sentido na aprendizagem.

Só é possível conhecer quando se deseja, quando se quer, quando nos envolvemos profundamente com o que aprendemos. No aprendizado, gostar é mais importante do que criar hábitos de estudo (GADOTTI, 2003, p7).

De nada adianta passar horas a fio lendo e relendo conteúdos que não são interessantes e nem têm nenhuma conexão com a realidade do aluno, pois este tipo de aprendizagem, a que Ausubel (1982) chama de “mecânica”, não é absorção de conhecimentos, mas apenas um conteúdo previamente decorado e armazenado isoladamente na estrutura cognitiva, conteúdo que estará disponível até o momento de uma avaliação, mas que não agregará ao conhecimento prévio do aluno, por não ter significado para o estudante. Para Ausubel, o aluno aprende quando o conteúdo é

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 01 Páginas 01-16
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

significativo e há uma relação com o seu conhecimento prévio (PELIZZARI *et. al.*, 2002). Tavares (2004), explica em outras palavras a aprendizagem mecânica:

A aprendizagem mecânica ou memorística se dá com a absorção literal e não substantiva do novo material. O esforço necessário para esse tipo de aprendizagem é muito menor, daí, ele ser tão utilizado quando os alunos se preparam para exames escolares (TAVARES, 2004).

Alves (2004), ainda diz que a regra fundamental do cérebro é armazenar apenas aquilo que é objeto do desejo e, para isso, é preciso que o professor seja capaz de seduzir o aluno para que ele deseje conhecer e desejando, aprenda. É neste contexto que se questiona: como despertar esse desejo nos alunos? Como atraí-los e fazê-los se interessarem por todo conhecimento que se tem disponível e assim possam aprender significativamente?

Conforme Alves (2008), a escola precisa transformar a sua função estabelecendo uma relação prazerosa entre o conhecimento e o saber, para que a motivação e interesse do aluno em aprender cresçam e tenham significado, para que exista além da transferência de conhecimento uma produção por parte do indivíduo.

Os alunos encontram-se totalmente desligados, desmotivados e sem nenhuma perspectiva quanto à aprendizagem (GADOTTI, 2003). E a resposta talvez seja mais simples do que pareça, num contexto que parece ser tão complexo, o início da mudança começa por um ensino mais humanizado. O ensino humanista, que tanto tem se ouvido falar nos últimos tempos, pode ser a resposta de tantas perguntas que ainda não foram respondidas, talvez porque muito se ouve falar do termo, mas poucos têm realmente conhecimento do que se trata.

Pelizzari *et. al.* (2002), apud, para Piaget (1997), uma das maneiras de ampliar ou modificar as estruturas do aluno é causar um conflito cognitivo no mesmo que represente um momento de desequilíbrio e que a partir deste, o aluno consiga reequilibrar-se superando e reconstruindo o conhecimento, para que isso ocorra, as aprendizagens não podem ser excessivamente simples, pois provocaria frustração e rejeição por parte do aluno em aprender, é preciso que o aluno busque sentido diante do novo conhecimento.

Alves (2004) é a favor desse pensamento previamente mencionado por Piaget (1997), para ele, pensar é voar sobre o que não se sabe e que não existe nada

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 01 Páginas 01-16
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

mais fatal para o pensamento que o ensino das respostas prontas, as escolas deveriam ensinar as perguntas, não as respostas. Desta maneira, o aluno por si só, depois de atraído, partir em busca do seu objeto de desejo, o aprendizado. Uma vez que se cause espanto e chame a atenção do aluno, este partirá em busca do seu conhecimento.

[...] o que é sugerido é a participação ativa do sujeito, sua atividade auto-estruturante, o que supõe a participação pessoal do aluno na aquisição de conhecimentos, de maneira que eles não sejam uma repetição ou cópia dos formulados pelo professor ou pelo livro-texto, mas uma reelaboração pessoal (PELIZZARI *et. al.*, 2002, p. 40).

Entende-se sobre o ensino humanista, um que seja centrado no aluno, onde este é o principal sujeito construtor do conhecimento, e que o professor tem um importante papel agora de encorajador e auxiliador no caminho interminável que é o da aprendizagem. Aprendizagem não cessa e o professor deve ter consciência disso, e entender que o aluno quando quer, e quando é levado a querer, é totalmente capaz de aprender com sentido (MIZUKAMI, 1986).

De acordo com Anjos (2010), o principal objetivo do ensino centrado no aluno, é que ele deixe de ser um agente passivo e adquira o papel de indivíduo ativo, intervindo assim no seu processo de aprendizagem, este ensino por sua vez deixa de estar centrado no professor e passa a ser centrado no aluno. Rogers (2009) diz que é imprescindível que o conhecimento seja organizado no indivíduo por ele, em vez de ser organizado para ele. O autor considera a busca pelos saberes “uma curiosidade insaciável e intrínseca ao ser humano, onde sua essência é o significado” (p. 10).

E neste contexto, qual seria então o papel do educador, em uma educação onde o aluno é o principal ativo na construção pelo seu conhecimento?

### 03 – PAPEL DO PROFESSOR NO ENSINO

Almeida (1993) afirma que não há ato de ensinar e aprender sem a relação indissociável entre inteligência, afetividade e desejo. E que para que exista aprendizagem é imprescindível à participação do professor, pois é através dessa relação que o aprendiz, mobilizado pelo afeto e desejo de conhecimento, se apropriará do conteúdo ensinado, sendo capaz de elaborar e reproduzir o que foi aprendido.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 01 Páginas 01-16
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

Assim, faz-se necessária a boa relação entre educando e educador para que exista o ato de aprender, antes de aprender é preciso conhecer e conhecendo que haja respeito um pelo outro, para que o ato de educar seja mútuo.

Conforme Gadotti (2003), os professores perderam o sentido do que fazem, lutam por melhores salários e condições de trabalho e deixam de esclarecer à sociedade a finalidade dessa profissão. Afirma ainda que, enquanto não se construir um novo sentido para a profissão, essa crise ainda persistirá. Para ele, o professor é um mediador do conhecimento e o aluno, sujeito da sua própria formação.

É notável que a função do professor parece ter sido distorcida ou esquecida pela sociedade, e pior ainda, o sentido e importância desse ofício perdeu o significado e seriedade diante da coletividade (ALMEIDA, 1993). Mizukami (1986) afirma que o papel do professor é ser o facilitador da aprendizagem, que advém das próprias experiências dos alunos de forma natural e que o professor não ensina, mas cria condições para que os alunos aprendam. O aluno, assim, deve ser o formador do seu conhecimento, o professor atua como coordenador e mediador desse processo. Deve-se entender e ter em mente a capacidade do educando como criador de sua própria história e aprendizado.

Para Freire (1975), a educação deve ser vista como “Prática de Liberdade” para que através desta o homem possa ter autonomia ao criar sua história, defende também que não há ser acabado, que todos nós estamos em constante processo de formação e explica o papel do educador nesse processo:

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que, ao ser educado, também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos da autoridade” já não valem (FREIRE, 1975, p.78).

A Educação libertadora é isso: querer aprender, absorver conhecimento, sem que isso seja uma obrigação. Em sua filosofia, Freire sempre defende que com o aprendizado, a liberdade e autonomia passam a fazer parte da vida do indivíduo, que começa a ter maior criticidade, argumentos e capacidade de decisões sem ser manipulado.

Torres (1979), em consonância com Freire (1975), evidencia o papel do professor/aluno em constante processo de formação, deixando claro que o relacionamento entre educando e educador deve ser horizontal, em que ambos

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 01 Páginas 01-16
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

aprendem simultaneamente, visto que o papel do professor não é de transferir e o aluno apenas o de receber conhecimento.

[...] em vez de ser esse ato de transferência de conhecimento, no qual certamente não há conhecimento, é um ato de conhecer. Porque é um ato de conhecer, implica um processo em que educadores e educandos assumem, simultaneamente, a posição de sujeitos cognoscentes mediatizados pelo objeto conhecido. Aqui não há uma pessoa que pensa que sabe diante de muitas que dizem quem não sabem e que necessitam ser educador, mas há indivíduos curiosos que procuram conhecer (TORRES, 1979, p.100).

O professor não deixou de ter um importante papel na formação do conhecimento, ao contrário, nesse tipo de ensino apesar de centrado no aluno, é extremamente importante a relação aluno/professor, e este deve mostrar paixão pelo que faz, e assim despertar o interesse em que se ensina.

O próprio educador, praticante da sua área de conhecimento, é uma ferramenta do saber do aluno. Se ele for apaixonado pela sua área de conhecimento e for capaz de encantar, o aluno poderá talvez perceber que existe algo pelo qual alguém de fato se interessou e que talvez possa valer a pena seguir o mesmo caminho (PELIZZARI *et. al.*, 2002).

Segundo Freire (1979), o professor deve deixar de lado sua forma “convencional” de atuar, e que na “nova educação”, a educação da liberdade, o diálogo deve prevalecer, pois é condição essencial em sua função. O professor deve ser coordenador do conhecimento, sem influenciar ou impor o aprendizado.

Algumas pessoas podem se sentir imensamente frustradas ao buscarem respostas para uma educação de qualidade nos escritos de um grande educador como Freire, e encontrarem como resposta o diálogo. A verdade é que não existe receita pronta para o sucesso na missão de ensinar.

O educador deve ter em mente que tem um ser pensante à sua frente, e que deve fazer de tudo para conseguir conquistar sua confiança, e que, para que isso ocorra deve-se acima de tudo respeitá-lo com igualdade, ter consciência de que não é apenas um recipiente vazio esperando para ser preenchido, mas que já possui conhecimentos adquiridos em suas próprias experiências.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 01 Páginas 01-16
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

[...] o conhecimento é conhecimento do outro, porque o outro o possui, mas também porque é preciso conhecer o outro, quer dizer, pô-lo no lugar do professor e conhece-lo como tal. Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar (FERNÁNDEZ, 1991, p. 52).

Gadotti (2003), resume muito bem o papel do professor na aprendizagem significativa dizendo; “[...] poderíamos dizer que o professor se tornou um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e sobretudo, um organizador da aprendizagem” (p.3). Diante dessa ideia, do professor como mediador, coordenador e cooperador, surge um questionamento gritante, que acredita-se que os educadores se fazem ao se depararem com textos como esse: o ofício de ser professor poderá um dia acabar?

Luiza Cortesão (2002), questiona-se sobre o risco da extinção do ofício de ser professor, para ela “um certo professor” está em risco de extinção, diz ela que esse é o “professor monocultural”, o que é bem formado, trabalhador, transferidor de saberes, exigente, esse docente já se abdicou da função de ser educador, entretanto o “professor intermulticultural” que percebe a disparidade, que investiga, é flexível e é capaz de recriar métodos, identifica e analisa os problemas de aprendizagem, elaborando respostas as situações educativas, esse deve ser o modelo do novo professor. Gadotti (2003), em conformidade diz:

Um velho professor está realmente desaparecendo espero que nesse velho professor esteja nascendo um novo professor. Não é a profissão que está morrendo. É uma profissão que está renascendo. O professor não está morrendo, sua função não está desaparecendo, mas ela está se transformando profundamente, adquirindo uma nova identidade (GADOTTI, 2003, p.3).

Depois de tantos estudos e pesquisas acerca da eficácia do ensino humanista, questiona-se os porquês de tanta resistência por parte dos docentes acerca dessas mudanças.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 01 Páginas 01-16
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>	

#### **04 – A RESISTÊNCIA POR PARTE DOS DOCENTES E A DESCRENÇA NA MUDANÇA E CONDIÇÕES DE ENSINO**

De acordo com Alves (2008), é a monotonia que norteia o processo ensino e aprendizagem, e questiona-se do fato de os professores não se darem conta disso, estes preferem responsabilizar os alunos pelos “fracassos” do processo de ensino, por não quererem nada, pela agressividade, pelo baixo rendimento e evasão da escola.

A autora salienta ainda que a lei é necessária para a estruturação do sujeito, entretanto se aplicada de forma autoritária, punitiva e repressora, comprometendo o papel da escola, pois distancia os alunos da mesma e também dos professores, inviabilizando a aprendizagem.

Para Gadotti (2003), o maior desafio dessa profissão está na mudança de mentalidade que precisa ocorrer no profissional da educação e na sociedade, e principalmente, nos sistemas de ensino, afirma também que a mudança deve partir do professor e de uma nova concepção do seu papel, e que este deve começar se perguntando, “Por que aprender?”, “Para quê?”, e que o mais importante é aprender a pensar.

Almeida (1993) salienta que alguns professores, ao se darem conta do seu importante papel na construção do saber e por ser uma importante ferramenta nesse processo, por vezes, se veem na difícil situação de sustentar esse lugar que lhe foi colocado e que lhe confere autoridade e poder, que muitas vezes essa autoridade se torna autoritarismo retardando ou impedindo o aprendizado.

Cedendo ao desejo de poder e abusando de sua autoridade, o professor se coloca como figura ideal, subjugando o aluno ao seu sistema de valores, impondo suas ideias, escravizando, impedindo, ou mesmo estacando, o desejo de saber do outro (ALMEIDA, 1993, p. 8).

A autora previamente citada, ainda ressalta que o educador deve renunciar o desejo de poder, afim de apoiar o desejo de saber do educando. Gadotti (2003) infere, ainda, diante do ceticismo das pessoas ao falar de mudança na educação, que o professor não deve perder a esperança de que tudo possa mudar, e acreditar que “se um sonho puder ser sonhado por muitos deixará de ser um sonho e se tornará realidade” (p. 2).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 01 Páginas 01-16
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

Gadotti (2003) acredita que é a esperança que alimenta essa profissão, mas que é preciso que a mudança ocorra já, e que o professor não deve e não pode ser um mero executor do currículo oficial, já que o êxito do ensino não depende apenas do conhecimento do professor, mas ser um profissional capaz de criar espaços para a aprendizagem e conhecimento. Além de todas essas capacidades, o novo professor, o professor da mudança, acima de tudo, deve amar o que faz.

Entretanto, é notável a descrença, a desmotivação e a falta de esperança por parte dos docentes com relação aos rumos que a educação irá tomar. Percebe-se que alguns educadores desejam a mudança e sentem-se desorientados, pois não sabem de onde partir ou como fazer para que essa reviravolta do ato de ensinar possa acontecer (ALMEIDA, 1993).

Ensinar é uma arte e deve ser feita com prazer, para que o aluno sinta essa emoção e possa se encantar e buscar o conhecimento através da paixão que sentiu do professor. O professor deve provocar encantamento e assombro nos alunos para incitar a curiosidade e o desejo de aprender (ALVES, 2014).

Em outro livro, *A Educação dos Sentidos*, Alves (2011), descreve que para Nietzsche, a primeira tarefa da educação é ensinar a ver, assim, sugere a criação de um novo tipo de professor, um que não teria nada a ensinar, mas que se dedicaria a apontar os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana.

É notória a insatisfação de muitos professores em seu “emprego”, pela indisciplina, falta de interesse e desrespeito, além da falta de objetivos claros e sentido para o que ensinam, é devastador ouvir de um educando questionamentos como: “Por que tenho que aprender isso? Onde isso vai me ser útil?”. Por vezes é desesperador e é nesse ponto que fica claro a necessidade de mudar a maneira de ensinar, o que ensinar e como ensinar.

É preciso haver diálogo entre o que é aprendido e a realidade do aluno, percebe-se que por vezes educadores se veem sem saída, porque já foram consumidos pelo desânimo e descrença na mudança no ensinar e aprender. É preciso ter consciência de que a educação não cessa, e que é preciso continuar lutando pelo que se acredita, e fazê-lo com amor.

Para Pelizzari *et. al.*, (2002), a reforma educativa tem como missão não somente a ordenação do sistema educativo, mas também a oferta de conteúdos e

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 01 Páginas 01-16
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

metodologias significativos diante da realidade do aluno. É preciso modificar também a forma de ensinar, que abranja não somente o saber, mas o saber fazer, assim a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (1982), propõe uma aprendizagem que tenha uma comunicação eficaz, que respeite e conduza o aluno a imaginar-se como parte integrante desse novo conhecimento, através de termos familiares ao seu mundo interno e externo.

Tendo em vista que o ponto de partida para que o saber ensinar de modo eficaz é acima de tudo, o amor pelo que faz, e o respeito por quem aprende, a mudança tão desejada pode ser norteada a partir daí, pois não existe uma fórmula pronta a ser seguida para o êxito nessa nova proposta de ensino, uma vez que cada aluno é diferente, então, não existe receita que se aplica a todos de forma igual.

Portanto, infere-se a partir de pesquisas bibliográficas e estudos, que a mudança é possível, mas que antes é preciso querer, e mesmo diante de tantas dificuldades e empecilhos como leis e currículos a serem seguidos, a mudança se faz necessária e urgente, desde que o profissional da educação compreenda seu importante papel nessa transformação e abandone o comodismo e se lance a despeito do medo do novo.

## 05 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente, portanto, aprender significativamente é muito além de decorar um conteúdo, aprende-se significativamente, aprendendo verdadeiramente, com sentido, o conhecimento é objeto de desejo de todos, aluno ou professor, e uma aprendizagem para ser possível, é necessária a implantação de um ensino mais humano respeitando-se o educando e educador mutuamente, onde aprender e ensinar tornam-se tarefas de prazer e deixam de ser uma obrigação tanto para o professor quanto para o aluno.

Quando o educador ama o que faz e deixa evidente essa paixão, desperta o interesse de seus educandos, uma vez que, se interessou a alguém, então merece atenção e este deseja esse conhecimento. É importante que o aluno tenha disposição em aprender, que ele queira que isso não lhe seja imposto; portanto, a tarefa do “novo professor” é a de encantar, provocar assombros e aguçar a curiosidade de seus

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 01 Páginas 01-16
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

alunos, para que estes construam seu conhecimento, tendo o professor como facilitador e mediador desse processo (ALVES, 2004).

É possível sim, mudar a educação, mas é necessário que o educador acredite nessa possibilidade, que essa mudança parta do educador. Fica claro que é necessária a mudança nos currículos em busca de conteúdos mais significativos dentro da realidade do aluno, entretanto, enquanto isso não ocorre, ainda é possível que o aluno desperte seu interesse e entenda a importância do conhecimento, se o professor for capaz de mostrar a beleza que existe naquilo que for ensinado.

Aprender significativamente é ser livre, é ser capaz de ser crítico, de argumentar e ser indivíduo ativo na construção da sua própria história. É poder libertar-se da ignorância ou dos pensamentos impostos pelos outros, pensamentos que já foram pensados. Conhecer é ser capaz de formular seu aprendizado, pensar e elaborar suas próprias hipóteses e teorias que se confirmam ou não através do seu objeto de desejo, despertando o desejo de aprender sempre. Devido o tempo envolvido para a realização do trabalho, é relevante abrir um espaço para a continuidade de estudos sobre a área contemplada.

## 06 – REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, D. P. *A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. 2ª edição, São Paulo: Moraes, 1982.
- ALMEIDA, S. F. C. O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender. *Revista Temas em psicologia*, Ribeirão Preto, v.1, n1, 1993.
- ALVES, L. R. G. et. al. Escola: um espaço de aprendizagem sem prazer? *Revista comunicação & Educação*, São Paulo, v. 1, n. 16, 2008.
- ALVES, R. *Ao professor, com o meu carinho*. 2ª edição. Campinas/SP: Verus, 2004.
- ALVES, R. *Educação dos Sentidos e mais*. 7ª edição. Campinas/SP: Verus, 2011.
- ALVES, R. *O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender*. 2ª edição. Campinas: Fundação EDUCAR D' Paschoal, 2014.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 01 Páginas 01-16
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

ANJOS, F. C. *et. al.* Ensino-aprendizagem numa perspectiva humanista: Uma Análise na Sala de Aula. SIMPAC, II, Viçosa-MG, 2010. *Anais...*, Volume 2, n. 1, Viçosa-MG, jan.-dez. 2010, p. 347-352.

AQUINO, Y. *Resultado do Pisa reflete problemas estruturais do ensino*. Agência Brasil, Brasília, 01 de abril de 2014. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2014-04/resultado-do-pisa-reflete-problemas-estruturais-do-ensino-diz-especialista>. Acesso em: 24 de maio de 2018.

CORTESÃO, L. *Ser professor: um ofício em risco de extinção*. São Paulo, Cortez/IPF, 2002.

EIZIRIK, M. F. Por que fazer pesquisa qualitativa? *Revista Brasileira de Psicoterapia*. V. 5, n. 01, p. 19 - 32, setembro 2003.

FERNANDES, L. J. *Habilidades em leitura: um estudo sobre o desempenho de estudantes brasileiros no Programa Internacional de Avaliação de Aluno (PISA) de 2006?* Trabalho de conclusão (Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR, 2011. Disponível em: [http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Lucimara\\_Fernandes.pdf](http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Lucimara_Fernandes.pdf). Acesso em: 22 de agosto de 2017.

FERNÁNDEZ, A. *A inteligência Aprisionada: Abordagem Psicopedagógica Clínica da Criança e sua Família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, P. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GADOTTI, M. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo/RS: Feevale, 2003.

KLEIN, R. Como está a educação no Brasil? O que fazer? *Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v.14, n.51, p. 139-172, abr./jun. 2006.

MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino: As abordagens do processo*. 1ª edição. São Paulo: EPU, 1986.

PELLIZZARI, A. *et al.* Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. *Revista PEC*, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 37-42, 2002.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 01 Páginas 01-16
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

ROGERS, C. *Tornar-se pessoa*. 06ª edição. São Paulo: Martins Fontes: 2009.

TAVARES, R. Aprendizagem significativa. *Revista Conceitos*, Página 55; Volume 5; Número 10; 2004

TORRES, C. *A práxis educativa de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1979.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 01 Páginas 01-16
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	